

“PORQUE ELE ERA NAVA DE SEU SOBRENOME”: RETRATOS DA ITÁLIA EM *BAÚ DE OSSOS*

Maria Alice Ribeiro Gabriel*

Resumo: Referindo-se aos estudos modernos sobre memórias, os estudiosos frequentemente justapõem as palavras “literatura”, “história”, “ficção” e “testemunho”. O testemunho produz discursos (auto)biográficos em forma de relatos de ações humanas no passado, mas o memorialista tende a transcrever reminiscências como parte da história e da literatura. Nessa acepção, Pedro Nava recria poeticamente perfis biográficos, fatos, experiências e espaços da memória. O propósito deste ensaio é examinar alusões textuais à Itália em *Baú de ossos* (1972), volume inicial das Memórias. O principal objetivo é associar essas menções ao método composicional de Nava. A análise indica que o escritor combina dados genealógicos e históricos para retratar eventos-chave e personalidades, fornecendo uma perspectiva global de seu estilo literário de escrita.

Palavras-chave: Pedro Nava. Memórias. Itália.

■ **N**o volume inicial das Memórias, *Baú de ossos* (1972), Pedro Nava (1974, p. 162) faz do estudo genealógico um dos alicerces de seu método de reconstrução do passado: “Só que este conhecimento, [...] eu cultivo do ponto de vista da zootecnia e da fuga para o convívio dos mortos”. No primeiro caso: “Procurando o valor-saúde”; no segundo, “as chaves” de “uma memória involuntária que é total e simultânea” ou de uma “recordação provocada” a fim “de recuperar o morto”. “Os mortos... Suas casas mortas...”. Assim, do ponto de vista do médico que busca um conhecimento mais efetivo da história da doença, o pensamento do autor parece convergir para os campos da Genética e Paleopatologia:

* Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, PB, Brasil. E-mail: rgabriel1935@gmail.com

Não é possível vender um cavalo de corridas ou um cachorro de raça sem suas genealogias autenticadas. Por que é que temos de nos passar uns aos outros, sem avós, sem ascendentes, sem comprovantes? Ao menos pelas razões de zootecnia devemos nos conhecer, quando nada para saber onde casar, como anular e diluir defeitos na descendência ou acrescentá-la com qualidades e virtudes. Estuda-se assim genealogia, procurando as razões de valores físicos e de categorias morais. Bon sang ne peut mentir. Procurando o valor-saúde (NAVA, 1974, p. 179).

Ao “estudar uma lembrança”, Nava (1974, p. 17) perscruta traços fisionômicos “procurando as razões de valores físicos e de categorias morais”, sobretudo quando já não se faz presente “a memória dos que envelhecem”, cujo testemunho é veículo da tradição: “Só o velho sabe daquele vizinho de sua avó, há muito coisa mineral nos cemitérios, sem lembrança nos outros e nem rastro na terra – mas que ele pode suscitar de repente [...] para o menino que está escutando e vai prolongar [...] a lembrança que lhe chega”. Neste excerto, ele “recupera” traços marcantes e a hipótese de que *Bon sang ne peut mentir*:

O Dr. Dilermando (Martins da Costa) Cruz era um leopoldinense fixado em Juiz de Fora. Fino, elegante, calvo desde muito moço e usando bigode e barbicha que disfarçavam o seu ligeiro prognatismo superior. Tinha uma dentadura esplêndida e era dono do sorriso mais contagioso que se possa imaginar. Eu adorava ir com meu Pai a sua casa, por causa dele, dos seus filhos e sobretudo pelo ambiente de que conservei uma impressão veludosa e colorida. [...] Estudei sua lembrança, a de seus filhos, a de sua esposa e afinal a de sua residência. [...] Depois soube que o Dr. Dilermando era poeta. Tive contatos muito mais tarde com dois de seus filhos. Apenas encontro rápido com cada um – o bastante para recuperar, em ambos, a mesma simpatia e o mesmo sorriso do pai (NAVA, 1974, p. 279-280).

Segundo Nava (1974, p. 17), o testemunho dos vivos recupera o passado dos mortos – “porque um e outro são condições recíprocas” – por meio de duas “chaves” essenciais: a memória voluntária “que transmite aos sobrinhos, aos netos, a lembrança dos pequenos fatos que tecem a vida de cada indivíduo e do grupo com que ele estabelece contatos”; e a memória involuntária, com “o mistério das associações trazendo a rua, as casas antigas, outros jardins, outros homens, fatos pretéritos, toda a camada da vida. [...] Costumes de avô, resposos de avô, receitas de comida, crenças, canções, superstições familiares”. À falta do repositório vivo da tradição, o memorialista recorrerá às fontes documentais do arquivo familiar, pessoal e público, à pesquisa genealógica, mas também a um constructo mnemônico imaterial e coletivo: “Essa coisa mística, evocativa, mágica e memorativa [...] ritual, associativa, gregária, racial e cultural”, justificando que

Na linha varonil da minha família paterna essa guarda de tradições foi suspensa devido à sucessão de três gerações de morredores! A de meu Pai, que desapareceu aos 35 anos. A do seu pai, falecido aos 37. Meu bisavô, não sei com que idade morreu. Cedo, decerto, pois meu avô foi criado de menino por uma de suas avós ou tias-avós. É assim que cada uma dessas gerações ficou sabendo pouco das anteriores e não teve tempo de transmitir esse pouco às sucedentes. Por essa razão, também quase nada sei de meu avô paterno. O que se transmi-

tiu até meu Pai e suas irmãs é que sua origem era italiana e que vinha de um certo Francisco Nava, que teria aportado ao Brasil no fim do século XVIII ou princípio do XIX. Ignora-se seu nível social, as razões por que veio da Itália e que ponto do Brasil ele viu primeiro do paravante de seu veleiro. Onde desembarcou, onde se fixou, que ofício adotou? – tudo mistério. Como era, quem era, que era? Seria um revolucionário, um maçom, um liberal, um carbonário, um fugitivo? Onde e com quem casou? Nada se sabe. Dele só ficou o apelido. Essa coisa mística, evocativa, mágica e memorativa que o tira do nada porque ele era Francisco de seu nome; essa coisa ritual, associativa, gregária, racial e cultural que o envulta porque ele era Nava de seu sobrenome. O nomeado, porque o é, existe. Servo do Senhor, pode-se pedir por ele na missa dos mortos (NAVA, 1974, p. 17-18).

Por meio de pesquisas bem documentadas, a investigação sobre o passado converte-se em narrativa biográfica, no intuito de reconstituir o cotidiano e o perfil psicológico de algumas figuras. Assim é que a “linha varonil” da família paterna de Nava remete à Itália, recuando no tempo com o auxílio do “instinto”, do prisma genealógico e historiográfico:

Para compor os quadros de minha família paterna tenho o que owi de minha avó, de meus tios-avós Itrício e Marout, das irmãs de meu Pai, de algumas primas mais velhas. Uns retratos. Um folheto de receita de meu primo Carlos Feijó da Costa Ribeiro com genealogias registradas por ele. Cartas. Cadernos de datas de meu avô Pedro da Silva Nava e de meu tio Antônio Salles. Notas diárias da mulher deste, Alice. Daí tenho de partir como Cuiwer do dente e o ceramista do caco. No mais, há que ter confiança no instinto profundo de minha alma, de minha carne, do meu coração – que rejeitam como coisa estranha o que sentem que não é verdade ou que não pode ser verdade (NAVA, 1974, p. 41).

Este ensaio pretende comentar a aliança que *Baú de ossos* estabelece com a Itália, cujo ponto de partida nas Memórias é a “origem [...] de um certo Francisco Nava, que teria aportado ao Brasil no fim do século XVIII ou princípio do XIX” (NAVA, 1974, p. 18). Devido à extensão do tema, o objetivo é analisar como as passagens iniciais sobre a pesquisa de Nava acerca dos dados biográficos de sua família paterna, de origem italiana, são descritas e narradas em consonância com a exposição do método composicional do autor.

Nava reúne dados biográficos concretos, impregnando-os de inferências fundadas em relatos transmitidos oralmente por gerações de um mesmo clã e no possível repertório cultural do grupo. Nessa perspectiva, ele remonta às origens dos personagens da crônica familiar, surgidos entre os séculos XVIII e XIX; faz das memórias íntima e social planos concêntricos em diversas passagens, incluindo a cena particular em um contexto definido historicamente e ligando tais planos à interpretação da personalidade que será descrita:

Para torná-la mais real, além dos casos repetidos de geração em geração, há um daguerreótipo que mostra como ela era aos 74 anos de sua idade. Foi feito na Corte em 1855 [...] o rosto redondo, bochechas lunares, olhos azuis, forte pança e mãos espessas – calçadas de pelica preta. Apresenta-se nas sedas negras de viúva rica, a capota deste estado guarneecendo os bandós apartados ao meio. Tenta um sorriso que não apaga a brava catadura. Quase que posso dizer que a conheci, de tal modo seus traços se envultam nos de sua neta Joana

Carolina Pinto Coelho (tia Joaninha), que frequentei em Belo Horizonte, que vi morrer e que levei à cova. Pelas cores desta, pelo líquido transparente de seus olhos, pelo jambo de sua pele – dou colorido ao daguerre de Dona Lourença. E se o som resulta do instrumento e a voz do físico – é pela palavra autoritária, estridente e peremptória da neta, que ouço o timbre da que vibrou em Mariana, em Santa Bárbara, no Caminho Novo e na fazenda de São Mateus (NAVA, 1974, p. 154, grifo do autor).

O interesse pela Genealogia (que encerra a chance de reconhecer traços físicos e sociais que identificam um grupo) aparece relacionado aos ascendentes paternos da mãe do escritor, “a mineira D. Diva Mariana Jaguaribe Nava”, cuja bisavó, a “matriarca Dona Lourença Maria de Abreu e Melo”, Nava (1974, p. 162) apresenta de maneira singular:

Além de receitas de cozinha [...] colecionava notas sobre sua família que permitiram que ela ditasse ao Visconde Nogueira da Gama, boa parte da Genealogia de Famílias Mineiras, publicação do século passado e transcrita com enorme acréscimo de erros pela Revista do Arquivo Público Mineiro, Ano XII, 1907. [...] Esse gosto pelas árvores de costado, dela e de seus sobrinho, repontou em sua neta Dona Joana Carolina Pinto Coelho, em sua bisneta Dona Hortência Natalina Jaguaribe de Alencar, em mim, seu tataraneto, e eu a vejo dando outro broto na curiosidade de minha sobrinha Maria Beatriz Flores Nava. Somos os arquivistas da família.

Se o interesse pela origem dos antepassados “resultava em orgulho e prosápia no entendimento de Dona Lourença Maria de Abreu e Melo”, sua neta Dona Maria Luísa da Cunha Pinto Coelho Jaguaribe, um dos tipos femininos emblemáticos das Memórias, repetiu-os, a seu modo, criando um arquivo particular, registro que espelha os valores não só de um grupo com mentalidade escravocrata, mas de convenções sociais enraizadas na história da Península Ibérica durante a vigência dos “Estatutos de limpeza de sangue”:

Insistia muito com a [parteira] Senhorinha para saber se os filhos e netos das amigas tinham nascido de jenipapo ou limpos de pele. Assentava num caderno explicando que era para não deixar moleques de bundinha verde casarem, mais tarde, com suas netas. Ai! Língua, pra que falaste? Pois não é que ... O livrinho dos jenipapos foi depois destruído por minha Mãe, tal e qual como os registros de entrada de escravos nos portos do Brasil foram queimados por obra e graça do Conselheiro Rui Barbosa. Minha avó, que era contra gente de cor, valorizava muito o jenipapo, para ela sinal tão seguro de mulatice como pigmentação peri-ungueal, gengiva roxa, genitália escura... (NAVA, 1974, p. 252).

Os retratos feitos por Nava são enigmáticos e complexos. Apreendem o micro e o macrocosmo da cena em que se esboça determinada “recomposição”. Podem revelar, em primeiro e segundo planos, imagens e personalidades históricas, a exemplo do episódio da queima, “por obra e graça” de Rui Barbosa, de arquivos sobre a escravidão no Brasil. A digressão, “Ai! Língua, pra que falaste?”, inclui, por um momento, a imagem do escritor no retrato, para logo direcionar o olhar do leitor a outra imagem, a de Dona Diva, destruindo ou queimando, conforme sugere a comparação, o “livrinho dos jenipapos”. A técnica de justapor domínios simultâneos em uma mesma cena é frequente nas Memórias e faz lembrar a elaborada composição de *As meninas* (1656), por Diego Velázquez.

Usual também é a metáfora da repetição em espelho: os filhos do Dr. Dilermando Cruz refletem “a mesma simpatia e o mesmo sorriso do pai”; a avó cujos “traços se envultam nos de sua neta”; o “gosto pelas árvores de costado” que “repointou” “nos arquivistas da família”. Nava (1974, p. 40) ilustra com esse tópico a natureza documental de seu método de reconstituir o passado por meio de lembranças fragmentárias. A “manobra de exclusão” justifica por que um traço fisionômico repete-se em indivíduos de gerações diferentes, “que nem se conhecem e nunca explicariam tal semelhança”:

Os mortos... Suas casas mortas... Parece impossível sua evocação completa porque de coisas e pessoas só ficam lembranças fragmentárias. Entretanto, pode-se tentar a recomposição de um grupo familiar desaparecido usando como material esse riso de filha que repete o riso materno; essa entonação de voz que a neta recebeu da avó; a tradição que prolonga no tempo a conversa de bocas há muito abafadas por um punhado de terra [...] esse jeito de ser hereditário que vemos nos vivos repetindo o retrato meio apagado dos parentes defuntos; o fascinante jogo da adivinhação dos traços destes pela manobra da exclusão [...] mas que reproduz traço por traço o rosto de uma prima no sexto grau civil e no décimo canônico. Máscara comum que eles tiraram magicamente do Tempo (NAVA, 1974, p. 40-41).

Sondar o método composicional de Nava ampliaria o exame das passagens alusivas à Itália ou à cultura do país. O retrato da família paterna do autor, notavelmente, do avô homônimo, “o negociante maranhense Pedro da Silva Nava”, e do pai, “o médico cearense Dr. José Pedro da Silva Nava”, destaca virtudes e talentos julgados dignos de lembrança e reconhecimento pelo autor, na condição de médico e de memorialista que busca depurar seus métodos de investigação e avaliar criticamente o próprio ofício. Os retratos tornam-se interessantes pelos traços físicos e psicológicos que podem revelar. Denotam ainda o modo como Nava (1974, p. 41) se identifica com o pai e o avô e como deseja que sejam lembrados:

Um fato deixa entrever uma vida; uma palavra, um caráter. Mas que constância prodigiosa é preciso para semelhante recriação. E que experiência... A mesma de Cuvier partindo de um dente para construir a mandíbula inevitável, o crânio obrigatório, a coluna vertebral decorrente e osso por osso, o esqueleto da besta. A mesma do arqueólogo que da curva de um pedaço de jarro conclui de sua forma restante, de sua altura, de suas asas, que ele vai reconstruir em gesso para nele encastoar o pedaço de louça que o completa e nele se completa.

O proceder do memorialista é comparável ao trabalho do arqueólogo, porém guarda semelhanças com o do restaurador de obras de arte, que busca recuperar, com o máximo de fidelidade, a imagem escondida ou danificada com o passar do tempo. Neste excerto, a modelo de *O nascimento de Vênus* (1486) também permite recriar as feições da avó paterna, a “cearense D. Ana Cândida Pamplona da Silva Nava”, Dona Nanoca. A ideia de transmissão está implícita na repetição do traço fisionômico marcante dos Pamplona, retratado, por sugestão poética, na apreciação da beleza encontrada no mundo natural. A imagem restaurada surge do “fascinante jogo de adivinhação dos traços” da “bela ruína”:

Minha avó era linda. Linda de pele, de dentes, de cabelos, de corpo e do airoso porte. Linda – do pescoço serpentino como o da Simonetta Vespucio do quadro de Sandro Botticelli. Morena clara e de enormes olhos verdes. Os extraordinários olhos dos Pamplonas que, esmeraldinos como os dela, ou azuis, ou castanhos ou pretos, são sempre os mesmos – doces, rasgados, cheios das sugestões das coisas curvas e infinitas, lembrando a placidez das noites de lua e a distância de calmos mares. Esses olhos – de antropológica qualidade céltica, ibérica e lusíada, vieram da península com certo Hipólito Cassiano Pamplona. De geração em geração chegaram a seus bisnetos – minha avó e seus irmãos – e são os mesmos dos retratos dos primos de meu Pai [...] e das fisionomias que eu conheci vivas de outros parentes e de suas filhas [...] que vão multiplicando e já puseram na nona geração, depois do português, os olhos antigos que amei no rosto de minha avó e da sua filha que os herdou. [...] Os anos engordaram, curvaram, deformaram minha avó, mas não prevaleceram contra seus olhos. [...] Só que a vida longa e as mortes muitas tinham dado à sua expressão aquele travo e aquele desmoronamento sentido por Elyeser Magalhães, quando – a igual distância da gafe e do cumprimento – lhe disse um dia: “Dona Nanoca, a senhora é uma bela ruína...” (NAVA, 1974, p. 31-32).

O italiano Francisco Nava, estabelecido no Brasil entre o final do século XVIII e início do século XIX, permanece uma incógnita nas Memórias. Nava não faz referências a documentos ou relatos familiares sobre sua vida, as possíveis fontes documentais, como registro de batismo e casamento, aludem ao avô paterno e homônimo do memorialista:

Pedro da Silva Nava, meu avô, nasceu na freguesia de Nossa Senhora da Conceição de São Luís do Maranhão, a 19 de outubro de 1843, e foi batizado a 7 de setembro de 1844 na sua Matriz, pelo Reverendo Raimundo Alves dos Santos, tendo como padrinho João Joaquim Lopes de Sousa e como madrinha D. Maria Euqueria Nava. Sua avó, mulher do italiano Francisco? Sua tia? Em todo caso, pessoa que deve ter marcado o espírito de meu avô, que não tendo repetido nos filhos o paterno Fernando Antônio, nem nas filhas o materno Raimundo Antônio, retomou, para sua caçula, o estranho nome da madrinha e da poetisa menor do 5º século (NAVA, 1974, p. 18).

Nava logra extrair das fontes orais e documentais disponíveis perfis psicológicos e biográficos convincentes e atrativos para o leitor ao longo da narrativa das Memórias. Porém, há lacunas que essas mesmas fontes não encobrem. Nava (1974, p. 287) costuma preenchê-las pelo viés do estudioso da natureza humana, que “nascera com o dom de observar e guardar”, rejeitando, “como coisa estranha”, o que sente “que não é verdade ou que não pode ser verdade”, similar ao restaurador que busca conhecer a criação original, mas acaba por reconstituir com a própria arte o mosaico dos traços excluídos pelo tempo:

Com mão paciente vamos compondo o puzzle de uma paisagem que é impossível completar porque as peças que faltam deixam buracos nos céus, hiatos nas águas, rimbos nos sorrisos, furos nas silhuetas interrompidas e nos peitos que se abrem no vácuo – como vitrais fraturados (onde no burel de um santo vemos – lá fora! – céus profundos, árvores ramalhando ao vento, aviões, nuvens e aves fugindo), como aqueles recortes que suprimem os limites do real e do irreal nas telas oníricas de Salvador Dalí (NAVA, 1974, p. 41).

Apesar da incógnita deixada pelo emigrante Francesco ou Francisco nas Memórias, em visita à Itália Nava empreendeu investigações sobre a origem de sua família. Não foi o único a conjecturar a respeito, segundo notou seu sobrinho Paulo Penido (1998, p. 41): “Tem também um poema do Drummond feito quando o Nava completou setenta anos, que é ‘Nava pelo Nome’, no qual ele fala dos Nava pela Itália e pela Espanha”. Durante essa viagem para realizar conferências sobre sua especialidade médica, ele já empreendia investigações no plano da memorialística, concomitante à pesquisa sobre a história da medicina, vista em *Território de Epidauro* (2003) e *A medicina de Os Lusíadas* (2004):

Sendo Pedro da Silva Nava o único de meus avós acima do qual eu não podia subir senão duas gerações, parando no emigrante Francisco – esta porteira fechada sempre me encheu de curiosidade. Apesar das advertências de Henrique Pongetti contra a indústria peninsular do conto-do-vigário genealógico – passando pela Itália, em 1955, dirigi-me ao Studio Araldico Romano para ver se apurava alguma coisa da família. Obtive informação de sua origem milanesa e notícia de seus ramos, um dos quais, colateral do comitale, extinguiu-se no século XVIII com Gabrio ou Galzio Maria, Bispo de Brescia, e com um Francesco, de quem ainda havia notícia em torno de 1796. La Casata com detto Francesco fu creduta da taluni extinta, mentre altri vollero que Francesco expatriasse o por lo meno compisse lunghi viaggi lontano... Se esse Francesco Nava, expatriado e de longas viagens longínquas, é o mesmo Francisco Nava que deitou vergõntas no Maranhão (como as datas fazem acreditar), por ele podemos ir de geração em geração até o quatrocento e até um coetâneo e homem do Duque de Milão: Giuseppe, figlio di Mattiolo, fu tra quelli che presentarano giuramento di fedeltà a Giovanni Maria Visconti... E talvez ainda mais longe, pela mão de Francesco Grillo, que, na sua Origine Storica dele località e antichi cognome della Republica di Genova, dá o nosso nome como de origem lombarda e menciona, como primeiro documento onde o mesmo aparece, a confirmação, de 14 de fevereiro de 1192, da convenção concluída entre os cidadãos de Alessandria e Gênova em 4 de fevereiro de 1181. Entre as de outros testi giurati da primeira, consta a assinatura de um Nava (NAVA, 1974, p. 19).

Della Sicilia Nobile (1759), de Francesco M. Emanuele e Gaetani, Marquês de Villa Bianca, “Signore del Castelo de Mazara, e della Baronía della Merca”, traz a cronologia senatoria, obra e catálogo de todos os patricios e magistrados das cinco principais cidades “del Regno”: Palermo, Messina, Catânia, Siracusa e Trapani. Entre os Nava, constam os nomes de Antonio Nava; Domenico Nava; Felice Nava; Francesco Nava, “Barone e Senatore”; Francesco Nava Grande; Gaspare Nava; Giovanni Nava, Barão de Bontifê e “Senatore”; Girolamo Nava; Giuseppe Nava e Daniele; Ignazio Francica Nava; Mario Nava, “Barone e Senatore”; Niccolò Nava; e Pietro Francica Nava, “Barone di Pancali”. Desse ramo da “giurisdizione” da “Sicilia Nobile” descende o “príncipe da igreja” Giuseppe Francica-Nava, núncio apostólico na Bélgica e Espanha, arcebispo de Catânia e cardeal, segundo Angelo Sindoni (1984, p. 150), entre os papáveis no Conclave de 1903:

A notícia genealógica que me foi fornecida à fé do Marquês Duranti d’Assoro, diretor do Studio Araldico Romano, mostra os Nava da Itália divididos em dois ramos. Um, morgado, comitale, brilhante e engrandecido pelas alianças adqui-

ridas com senhoras de alto lá com elas (del Marquese Platanida, del Marquese d'Adda, del Marquese Parravicini, del Marquese Mantegazza etc., etc.) e o outro de menor relevo e entre cujos membros predominavam os detentores de juspatronatos, de prelasias e de prebendas eclesiásticas. Era este o de Francesco-Francisco. Como toda família de todo lugar, os Nava atuais da Itália têm seus altos e baixos. No princípio deste século falava-se muito num papável – o Cardeal Nava (NAVA, 1974, p. 19-20).

Observando os diversos ofícios que os Nava desempenham na sociedade italiana, o relato autobiográfico naturalmente os inscreve no curso da vida pública e dos costumes, “Como toda família, de todo lugar”. A paixão de Nava pela investigação genealógica constitui um modo de investir contra o esquecimento, pois narrar a memória do passado implica retomar o fio da tradição para, como diria Machado, “unir as duas pontas da vida”.

Recuperar a memória e a tradição demanda, todavia, observar a continuidade histórica do presente. Ao mencionar os “altos e baixos”, Nava (1974, p. 20) não repudia os estratos sociais mais humildes, no Brasil e na Itália, em favor de uma origem nobre, o *stemma* ou brasão familiar prefigura-os na insígnia da águia negra e da águia dourada:

Em Bolonha estive no armazém de um Nava que vendia todas as variedades de pasta asciutta e também tive notícia da Condessa Nava, uma das dez mais da mesma douta cidade. Em Milão comprei aspirina na Farmácia Nava. Em Roma aplaudi “Le tre Nava” – trinca de irmãs artistas de variedades, filhas de casal circense, e admirei a habilidade artesanal do marceneiro Nava, proprietário do Mobilifício di Cantù, ali mesmo na Piazza Navona. E todos, com a púrpura de príncipe da Igreja, com a coroa contal, com a blusa de farmacêutico, com os ouropéis de palhaço ou com o macacão de operário, podiam usar o stemma familiar – troncato: al primo d’oro all’aquila di nero coronata del campo; al secondo di rosso all’aquila d’oro, coronata dello stesso.

Cada retrato biográfico exposto em *Baú de ossos* forma um compósito de alusões, reportando a determinado contexto cultural, a um paradigma sobre o funcionamento das memórias voluntária e involuntária, bem como à expressão de um repertório de tradições, valores e conhecimentos que harmonizam as noções de arte, história e literatura. O tema dos traços que se repetem por gerações sugere na figura do avô o retrato do memorialista:

Meu avô, negociante e dono de casa comissária, provavelmente nem sabia desses brasões. Sua grandeza, como se verá, vinha das qualidades – de que basta o homem ter uma – para tornar-se merecedor da vida. A retidão, a bondade, a inteligência. O maranhense Pedro da Silva Nava tinha as três. [...] Do tataravô Francisco ficaram o nome, a nacionalidade e o ponto-de-partida para a hipótese genealógica. Do bisavô Fernando, o que se pode tirar da certidão de batismo de meu avô (NAVA, 1974, p. 20).

As alusões à Itália em *Baú de ossos* integram retratos gerados pelo trabalho da memória, pesquisa e imaginação. Citando Baruch Spinoza, o filósofo Remo Bodei (2003, p. 103) abordou o delicado equilíbrio entre razão e imaginação no confronto das paixões humanas, até que se alcance perfeita consciência do afeto dominante, a melhor coisa que se possui é a concepção de uma forma reta de

viver, ou seja, dos princípios certos da vida, os quais devem ser memorizados e aplicados aos assuntos particulares, de modo que as decisões não sejam inspiradas apenas pela imaginação. O equilíbrio entre memória e imaginação pressupõe que, diante das paixões, os impulsos não prevaleçam sobre a virtude (excelência, força e hábito) da generosidade – um dos atributos da escrita de Nava.

“BECAUSE HE WAS SURNAMED NAVA”: PORTRAITS OF ITALY IN *BAÚ DE OSSOS*

Abstract: When referring to the modern academic studies on memoirs, scholars often juxtapose the words “literature”, “history”, “fiction” and “testimony”. The testimony produce (auto)biographical discourses as the account of past human actions, but the memoirist tend to transcribe reminiscences as part of history and literature. Pedro Nava poetically recreates biographical profiles, facts, experiences and spaces from memory. The aim of this essay is to examine how the initial volume of Nava’s Memoirs, *Baú de ossos* (1972), includes textual references to Italy. The main objective is to link this mentions to his method of composition. The analysis indicates that Nava combines genealogical and historical data to portray individual personalities and key events, providing an overview of his particular literary writing style.

Keywords: Pedro Nava. Memoirs. Italy.

REFERÊNCIAS

- BODEI, R. *Geometria delle passioni: paura, speranza, felicità: filosofia e uso politico*. Milano: Feltrinelli, 2003.
- GAETANI, F. M. E. *Della Sicilia nobile*. Parte Terza. Bologna: Forni Editore, [s. d.].
- NAVA, P. *A medicina de Os Lusíadas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.
- NAVA, P. *Baú de ossos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1974.
- NAVA, P. *Território de Epidauro*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- PENIDO, P. Pedro Nava e o Bicho Urucutum: entrevista de Paulo Penido a Cláudio Aguiar. In: NAVA, P. *O Bicho Urucutum*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998. p. 15-48.
- SINDONI, A. *Dal riformismo assolutistico al cattolicesimo sociale: moti popolare, Stato unitario e vita della Chiesa in Sicilia*. Venezia: Edizioni Studium, 1984.

Recebido em 10 de julho de 2019.
Aprovado em 27 de agosto de 2019.